



## O CORPO NO CENTRO DO PENSAMENTO CATEGORIAL. A interseccionalidade como saber e resistência decolonial.

### *Eixo Temático 21: INTERSECCIONALIDADES NA AMÉRICA LATINA: RAÇA, CLASSE, IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADES ENTRE MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS*

Michele Karina Franco <sup>1</sup>

#### RESUMO

Esse trabalho pretende contribuir com o debate sobre interseccionalidades a partir da ideia de corpo, por meio dos estudos e resultados de uma pesquisa bibliográfica em corpo-construção, orientada pelo método materialista histórico-dialético. O trabalho tem por objetivo discorrer sobre a ideia categorial de corpo de forma interseccional, por meio da literatura feminista, reconhecendo assim, a importância e necessidade dessa discussão dentro do campo das pesquisas para superação do pensamento categorial colonizador. O estudo procura discorrer sobre o pensamento categorial de forma decolonial, trazendo a interseccionalidade como uma “lente” no ato de pesquisar, capaz de traduzir e denunciar as violências que afetam os corpos.

**Palavras-chave:** corpo; interseccionalidade; pensamento categorial

#### INTRODUÇÃO

Os corpos (infantil, juvenil, adulto e senil) vivem hoje sob sistemas complexos e estruturantes da vida em sociedade, assentada na razão ocidental-colonial-moderna. Nossos corpos são regidos por normas morais, leis e regramentos éticos, estéticos, políticos e econômicos que guiam, condicionam e autorizam os corpos dentro do convívio social.

Esse trabalho faz parte do estudo bibliográfico de uma pesquisa de doutorado em corpo-construção, que tem o corpo como categoria analítica interseccional, ponto de partida para discussão teórica sobre juventudes, o corpo-sujeito de interesse da pesquisa.

Para que possamos discutir juventudes a partir da ideia de corpo, propomos organizar esse percurso de estudo escovando essa categoria teórica, alinhavando palavras e costurando significados enovelados<sup>2</sup> a essa e outras tantas categorias, num desafio epistêmico.

<sup>1</sup> Doutoranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, [millakf.franco@gmail.com](mailto:millakf.franco@gmail.com)

<sup>2</sup> A socióloga Heleieth Saffioti (2015) nos provoca a pensar a conjuntura social a partir de três subestruturas: gênero, classe social e raça/etnia, analisando-as em sua contradição e condição de fundidas, enoveladas ou



O objetivo desse trabalho é poder contribuir com o debate sobre interseccionalidades no campo das pesquisas, orientado pelo método materialista histórico-dialético, em conjunto com a literatura feminista social crítica para essa artesanaria intelectual.

O estudo reconhece a necessidade de ampliação e amadurecimento dessa discussão nos estudos acadêmicos, demarcando o compromisso ético da pesquisadora para construção de uma pesquisa que enfrente e supere o pensamento categorial colonizador.

Apresentamos o texto em duas partes, sendo a primeira, uma breve discussão reflexiva sobre o corpo como ideia e categoria, trazendo em seguida reflexões sobre a interseccionalidade tal qual um instrumento ou “lente” para o ato de pesquisa(r)dor.

E como resultado desse trabalho, com aporte da literatura feminista, compreende-se que assumir a interseccionalidade em nossas pesquisas é falar de violências, em um ato de coragem e resistência.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um trabalho de pesquisa inicial, de cunho bibliográfico, precedente e contínuo nesse percurso para compreensão do estudo e objeto (no caso sujeito) a ser pesquisado. A pesquisa se propõe orientada pelo método materialista-histórico-dialético, como escolha teórica para o desenvolvimento reflexivo-crítico desse trabalho que tem o Serviço Social como área de estudo e intervenção da pesquisadora.

Para breve discussão sobre o corpo, nos inspiramos na teoria social crítica feminista, no exercício e esforço de um olhar em totalidade, reconhecendo as contribuições dessa literatura para leitura do mundo e do corpo social em relações de poder (exploração/opressão).

## **O CORPO NO CENTRO DO DEBATE COLONIAL.**

O corpo de interesse dessa pesquisa<sup>3</sup> em construção é o corpo juvenil, sobre(vivente) do chão político contemporâneo, nacionalizado, democratizado, moderno, tecnológico, biologizado, classificado em idade, gênero, sexo, raça e etnia, um sujeito, de direitos civis, políticos e sociais.

---

enlaçadas como um nó, mas um nó afrouxado, capaz de mobilidade e novas construções na dinâmica social globalizada forjada sob os pilares do **patriarcado, racismo e capitalismo**.

<sup>3</sup> A pesquisa de doutorado em construção, tem como sujeito de estudo os jovens, usuários do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) de 15 a 29 anos, seguindo o recorte etário do Estatuto da Juventude (2013) e estudo empírico na rede CRAS de uma determinada área delimitada em região metropolitana do interior de São Paulo.



Para a pesquisadora feminista Silvia Federici (2023 p. 19), “o corpo se encontra hoje no centro do discurso político, disciplinar e científico”. Vivemos sob a égide secular do capitalismo, um sistema baseado na exploração do ser humano e natureza, com apropriação e repressão das nossas capacidades corporais, sexuais, subjetivas e simbólicas para o trabalho, produção, mercado e consumo. O desafio colocado hoje ao corpo, sobretudo os juvenis, é a luta por rejeitar identidades sociais definidas pelo capitalismo, reivindicando o direito ao próprio corpo e desejo de ser e estar no mundo de outros modos possíveis.

Ser jovem na contemporaneidade é uma construção social da modernidade (Dayrell, 2007; Weisheimer, 2013), conceituar as etapas da vida faz parte da cultura e, pensar o corpo-jovem, a construção social das juventudes no espaço-tempo das políticas públicas do século XX, é buscar fendas entre o **corpo-real** e as idealizações culturais do **corpo-social**.

Trata-se de conceitos categoriais, nesse sentido, Rodrigo Diniz (2019 p. 49) nos explica que “as categorias revelam expressões conceituais do que está em estudo”, elas devem balizar as reflexões de alguns pontos do estudo, amarrando sentidos e determinantes, abrir novos caminhos, problematizar a realidade complexa, heterogênea e contraditória

A realidade é heterogênea, categorias são homogêneas, é preciso (in)corporar categorias para o ato de explicar. De acordo com a feminista argentina Maria Lugones, “a determinação categorial constrói o que nomeia”, e as feministas têm feito um esforço conceitual na direção de construir análises e estudos que enfatizem a **intersecção** das categorias “raça e gênero, porque as categorias soltas no espaço, invisibilizam aquelas que são dominadas e vitimizadas, como por exemplo, sob a rubrica das categorias “mulher” e as raciais “negra”, “hispanica”, “asiática”, “nativo-americana” (Lugones, 2020 p.59). A intersecção nos ajuda a mostrar o que se perde nas palavras, “evitando a separação de categorias existentes e o pensamento categorial”.

A autora nos faz pensar a partir da crítica a racionalidade colonial, problematizando o quanto esse demarcador histórico impôs uma forma de conhecimento (euro e etnocêntrico) no mundo capitalista, dada como única racionalidade válida e aceitável, destruindo assim, toda forma de conhecimento (pre)existente, invalidando tecnologias tradicionais lidas hoje como coisa do passado, ultrapassada ou primitiva. É preciso enfrentarmos essa racionalidade colonial em nossas linguagem e pesquisas.



A colonização como método de poder e controle fez e faz parte da história do progresso e tecnologia no sul do mundo, colonizando terras, corpos, linguagens e saberes. De acordo com o sociólogo peruano Aníbal Quijano: “A América constitui-se como primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira *id-entidade* da modernidade” (2005 p. 107 grifo do autor). É nesse chão histórico que nosso conhecimento é produzido e replicado culturalmente pelos corpos pensantes.

Modernidade é categoria inventada por quem a nomeou. Somos hoje, um povo-nação que se explica a partir do olhar do colonizador, que no domínio imperial de terras e corpos pelo mundo, possuidor de tecnologias de matar e convencer (re)criou modos, linguagens e culturas.

Nesse sentido é imperativo refazer sentidos, renomear palavras para “contrariar o colonialismo”, “contracolonizar”, ou como disse Antônio Bispo dos Santos (2023 p.13) o Nego Bispo, é a “*guerra das denominações*”. “Vamos botar mais palavra dentro da língua portuguesa. E vamos botar palavras que os próprios colonizadores não têm coragem de falar!”

## **É PRECISO INTERSECCIONAR NOSSAS PESQUISAS**

Se nosso pensamento ocidental/moderno é eurocentrado, e se reproduz culturalmente há séculos no sul colonizado onde estamos no tempo presente, lidamos então com um modo de pensamento estruturante em nós, sustentado por um sistema secular de produção e reprodução social calcado no capitalismo.

É preciso compreender os impactos do mundo colonial em mentalidades cartesianas e binárias. Trata-se de um sistema muito eficiente de disciplinamento e controle dos corpos, para organização social no mundo. Trata-se de um modo de existência ou, como diria Geni Núñez (2023 p.139) um “sistema de monocultura”, não apenas da terra, mas também do pensamento, dos nossos desejos e relações humanas entre si e demais seres.

Podemos dizer então, que as pesquisas acadêmicas no sul colonizado são marcadas por um sistema de monosaberes, com predominância do uso de correntes teóricas do pensamento europeu, produzidas e partilhadas na história exclusivamente por homens brancos da sociedade científica moderna/colonial ocidental, enfrentar esse sistema de coisas não é tarefa fácil, pois, nos provoca a denunciar e nomear violências. Assim, falar de interseccionalidade é falar de violências.



O conceito de interseccionalidade foi introduzido no debate intelectual acadêmico por meio da literatura feminista, de acordo com Patrícia Hill Collins (2024), foi Kimberlé Crenshaw quem apresentou o termo ao público acadêmico e ativista no final dos anos de 1980 e início de 1990, na tentativa de encontrar uma linguagem comum para compreensão da violência como um problema social na vida das mulheres negras. O termo atravessou as fronteiras dos Estados Unidos (EUA), provocando-nos a refletir de forma a não esquecer que há uma intersecção na violência sobre os corpos, constituídos de raça, classe, gênero e nação, mas não apenas, pois, nas origens do termo, refere-se a “tripla ameaça” do racismo, sexismo e imperialismo, sistemas produtores de violência sob o capitalismo, geradores de sofrimento com maior incidência na vida de crianças, jovens, corpos femininos, dissidentes e divergentes em condição de pobreza.

Nesse sentido, nosso esforço ocupa o campo da ética, como ato e compromisso por uma pesquisa que assuma a interseccionalidade, para além da junção categorial solta na trama textual, mas da problematização dessas, inseridas num sistema social complexo, que tem a violência como produto estruturante da sociedade em relações de poder.

Assumir a interseccionalidade na pesquisa acadêmica é fazer uso de “uma lente interseccional” (Collins, 2024 p. 26), é criar estratégias e resistência frente as múltiplas violências que de forma interseccional atravessam os corpos em sociedade, sujeitos de nossas pesquisas, seja no campo empírico ou epistemológico da vida. “Essa mudança de perspectiva abre um conjunto inteiramente novo de questões e possibilidades para conceitualizar a violência, explicá-la, perceber como está organizada e então decidir, sobre o que pode e deve ser feito a respeito (Collins, 2024 p. 18).

E para a autora, o registro e memória é uma ferramenta importante para resistir à violência interseccional, e as mulheres têm sido fundamentais para tornar visível a violência invisível que afeta os corpos na sociedade capitalista, “essa recusa em esquecer, muitas vezes de geração em geração, constitui uma dimensão importante de resistência à violência interseccional” (Collins, 2024 p. 28).

Sendo assim, enfrentar esse sistema de monoculturas e saberes é dar espaço para outras possibilidades de pensamento nessa artesanaria intelectual, é pluralizar correntes teóricas existentes e confluentes nessa trama em construção.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio dessa discussão reflexiva, pudemos compreender a importância e potência de incorporar a interseccionalidade no percurso intelectual de nossas pesquisas. Encontramos na literatura feminista suporte e contribuição para introdução do termo, tal qual uma “lente” a ser utilizada, superando a mera junção de categorias vazias, soltas no espaço textual.

Aprendemos que falar de interseccionalidade é falar de violências, e assim, traduzir as violências que marcam corpos constituídos de raça, etnia, classe, gênero, sexualidade e nação, mas não apenas, é ir além, em totalidade, problematizando categorias nomeadas pelo colonialismo em nossa linguagem.

É preciso buscar inspirações e aquilombar as pesquisas como nos ensina Nego Bispo (2023), semear palavras, buscar as fontes coloniais, seu simbolismo histórico na origem, enovelando-as numa grande trama reflexiva crítica que se teça de forma a decolonizar nosso pensamento categorial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratamos nesse trabalho sobre o interesse de uma pesquisa em discutir o campo sociológico das juventudes de forma interseccional, a partir da ideia de corpo, num esforço de estudo amparado pela teoria social crítica e literatura feminista como base teórica dessa construção.

Pensar o corpo em sua constituição juvenil, exige um esforço intelectual de aprofundamento dessa ideia, decolonizando pensamento categorial, alinhando outras categorias nessa trama textual para compreensão dos significados e significantes em volta do termo.

O debate proposto sobre interseccionalidade, tem sido apoio intelectual importante para construção da pesquisa, pois, como dissemos, corpos são constituídos de raça, classe, gênero e nação, mas não apenas, como vimos, as origens do termo se referia a “tripla ameaça” do racismo, sexismo e imperialismo, sistemas produtores de violência sob o capitalismo, que oprimem em maior grau de sofrimento corpos infantis, juvenis, femininos, dissidentes e divergentes em condição de pobreza no mundo.



Sendo assim, esse trabalho é um esforço, mas também um compromisso ético intelectual de um pesquisador que se faça para reconstrução de sentidos, capaz de denúncia e enfrentamento das violências que se apresentam cotidianamente para análise e tradução dentro do campo autorizado da ciência, que seja, incorporando memória, tecnologias e saberes ancestrais de corpos que tanto aprenderam, ensinaram e resistiram antes de nós.

## REFERÊNCIAS

- BISPO, A. S. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023
- COLLINS, P. H. **Intersecções letais: raça, gênero e violência**. São Paulo: Boitempo, 2024
- DAYRELL, J. (organizador). **Por Uma pedagogia das juventudes. experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016
- FEDERICI, S. **Reencantando o mundo. Feminismos e a política dos comuns**. Trad. Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2022
- QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina** in Edgardo Lander (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005
- DINIZ, R. **Categorias e Pesquisa: algumas linhas introdutórias** in Maria Lucia Martinelli [et al]. *A história oral na pesquisa e serviço social: da palavra ao texto*. São Paulo: Cortez, 2019.
- LUGONES, M. **Colonialidade e gênero** in Heloisa Buarque de Hollanda (Org) *Pensamento feminista hoje: perspectiva decoloniais; autoras Adriana Varejão ... [et al.]* 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020
- NUNEZ, G. **As monoculturas do tempo: uma conversa sobre etarismo** in Celina Dias Azevdo (Org). *Velhices perspectivas e cenário atual na pesquisa idosos no Brasil*. São Paulo: Eduções Sesc São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2023
- SAFFIOTI, H. **Gênero patriarcado violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015
- WEISHEIMER, N. **Sociologia da juventude**. Intersaberes, Curitiba, 2013